

Endividamento externo privado vai cair US\$ 15 bi

Com grande liquidez, empresas estão quitando empréstimos feitos no exterior

Dívida externa

Alaor Barbosa
RIO

A dívida externa do setor privado terá redução de cerca de US\$ 15 bilhões este ano, encerrando dezembro em US\$ 80,145 bilhões. A projeção é do economista-chefe do Bradesco, Octávio de Barros, que considera um fenômeno o que está ocorrendo. “As grandes empresas brasileiras estão muito líquidas e preferindo quitar a dívida.

“A rolagem dos empréstimos tem sido de apenas um terço dos vencimentos”, observou. Ao contrário do registrado em 2002, quando os bancos internacionais “puxaram o tapete” e cortaram o crédito ao País, a queda da dívida atualmente é voluntária, já que há oferta de crédito. No ano de 2002, a dívida externa privada caiu US\$ 16,46 bilhões – de US\$ 116,753 bilhões no final de 2001 para US\$ 100,291 bilhões.

Considerando as projeções do Bradesco, a dívida privada brasileira contabilizará queda de 33% no período de 5 anos, o equivalente a US\$ 40,8 bilhões. Em dezembro de 1999 o estoque dessa dívida somava US\$ 124,9 bilhões. Na visão de Barros, a baixa rolagem reflete a aversão ao endividamento externo de muitas empresas, após a grande oscilação do dólar desde a introdução da política de câmbio flutuante.

Para o professor do Ibmecc/RJ Arilton Teixeira, a redução do estoque da dívida externa melhora alguns indicadores, mas reflete um aspecto ruim, que é o baixo ritmo de investimentos no País. “As empresas estão preferindo quitar a dívida em vez de investir e ampliar a capacidade de produ-

ção, o que não é um bom sinal”, afirmou. Além disso, a boa liquidez atual reflete um quadro favorável na área do balanço de pagamentos, com os robustos superávits comerciais. “Será que com a retomada do crescimento essa liquidez vai continuar?”, pergunta.

Barros concorda em que a quitação da dívida externa tem sido possível pelos grandes superávits comerciais e pelo baixo investimento no aumento na capacidade de produção. Mas ele acha que já há sinais de que os investimentos estão sendo retomados. “Os investimentos externos são pró-cíclicos. Eles aumentam quando a economia está crescendo”, observou. Outro fator favorável é a redução de indicadores como o risco Brasil. “Com a melhora nesse indicador, os diretores das grandes empresas ficam mais confortáveis em recomendar investimentos no Brasil”, disse.

Na avaliação do diretor da Gá-

**Em 5 anos, total
vai passar de quase
US\$ 150 bilhões para
US\$ 40,8 bilhões**

vea Investimentos e ex-diretor do Banco Central, Ilan Goldfajn, a redução do estoque da dívida externa é um ponto muito relevante. “A redução da dívida e os crescentes saldos comerciais melhoraram a relação dívida/exportação, que era um dos piores indicadores do País”, observou. O fato de estar ocorrendo de forma voluntária é favorável, disse Goldfajn, admitindo que isso está dificultando a acumulação de reservas.●